

ROBERTO MANGABEIRA UNGER

# O DESCALABRO E A SAÍDA

*A necessidade de um novo partido, o refém FHC, e o controle da opinião pública expresso em duas palavras: **Globo e Abril***

**H**Á DOIS MESES, AO APRESENTÁ-LO E A SUA PROPOSTA alternativa para o Brasil, *CartaCapital* tratou-o como um militante. Um militante contra a idéia do destino, do inexorável. Neste final do ano de 1998, quando Roberto Mangabeira Unger se prepara para uma temporada de seis meses em Yale, *CartaCapital* com ele tem uma longa conversa. No decorrer do último ano e meio, Mangabeira mergulhou no Brasil.

Perguntou, ouviu, pesquisou, respondeu, sugeriu, em conversas com brasileiros de todos os níveis e quadrantes.

Renovou o conhecimento e suas impressões em contatos com cidadãos anônimos e com expoentes da política, da economia, dos negócios, da cultura... Confirmou, junto aos comuns, suas idéias de um povo que "não quer ser original – ainda não quer – porque já é original". O brasileiro dividido. Uma metade desse cidadão só pensa em si, não tem noção de conjunto, não se interessa pela política, joga papel na rua, suborna, no mínimo, o guarda... A outra porção desse mesmo cidadão critica o vizinho por só pensar em si mesmo, não ter uma noção do conjunto, não se interessar pela política, jogar papel na rua, subornar, pelo menos, o guarda...

Os outros nacionais, os da elite, percebe Mangabeira, vivem num estado de grande confusão. Banzé esse estabelecido também no governo, "que já não re-

presenta qualquer grande interesse organizado", e na equipe econômica. O receituário ultraliberal, vazado "do eixo Wall Street-Departamento do Tesouro norte-americano", se esgota na sua própria base de lançamento e apoio.

Já escasseia a sustentação a esse receituário entre o empresariado industrial dos Estados Unidos, em meio à opinião acadêmica e no Congresso – tanto junto a democratas quanto a republicanos, informa Mangabeira. Formado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tornou-se, em 1971, aos 25 anos, o mais jovem professor-titular na história da Faculdade de Direito da Universidade de Harvard.

Agora, aos 51 anos, Mangabeira diz a Bob Fernandes que seu "papel de propagandista de idéias" chegou aos limites: "Quando voltar ao Brasil vou procurar subir o nível da luta". Como, em que trincheira, é algo ainda a se definir, embora a construção de um novo partido político esteja no horizonte. Mangabeira sustenta ser imprescindível "arrebentar" o sistema de controle da mídia e vê o presidente da República "prisioneiro de si mesmo e de uma idéia". Sobre as idéias de um intenso e brilhante militante é a conversa a seguir.

**CartaCapital:** *O senhor tem dito que o presidente da República tornou-se refém. De quem?*

**Roberto Mangabeira Unger:** Ele está prisioneiro de uma idéia e de si mesmo. Como o resto da elite brasileira, está tentando salvar-se. Vacila no caminho da saída. O presidente se conduz cada vez mais como prisioneiro, enquanto os membros da plutocracia se portam como vítimas.

**CC:** *Mas não há grandes interesses sustentando a política atual do governo?*

**RMU:** O maior mistério é que não há. O governo deixou de representar qualquer grande interesse organizado no País.

**CC:** *E a base política do governo?*

**RMU:** O PFL dá cobertura a essa política sem ter compromisso orgânico com ela. A equipe econômica ocupa um lugar que, de outro modo, seria ocupado pelo PSDB e por São Paulo.

**CC:** *E qual a idéia de que o presidente é prisioneiro?*

**RMU:** É a idéia do bom comportamento. A metáfora-chave é o "dever de casa": a obsessão do aluno passivo e submisso que quer, de qualquer jeito, agradar ao professor. A austeridade para conquistar a confiança. A confiança que traria o dinheiro de volta.

**CC:** *E trará alguma coisa?*

**RMU:** Aí é que está. Só um fantasista colocaria dinheiro num País cujo governo corta o dinheirinho das viúvas porque não sabe nem ousa cortar o dinheirão dos credores da dívida interna. O Brasil precisa de um governo que consiga financiar-se sem estrangular a produção. Mas

Só fantasistas  
colocam  
dinheiro num  
país que corta  
o dinheirinho  
das viúvas

o que precisa sobretudo é voltar a crescer. Fora do crescimento, não há ajuste fiscal que funcione. O segredo é a substituição do bom comportamento pela rebeldia nacional.

**CC:** *E o receituário da austeridade fiscal como solução maior não vem dos Estados Unidos?*

**RMU:** Vem do eixo Wall Street-Departamento do Tesouro-presidente Clinton. Mas o apoio para esse receituário está diminuindo a cada dia nos Estados Unidos. A maioria, tanto republicana quanto democrata, do Congresso, o empresariado industrial e a opinião acadêmica já se voltaram contra. A doutrina do ajuste fiscal acima de tudo nunca foi ortodoxia econômica. Sempre foi receita aviada para país pobre e fraco, que precisa respeitar a religião dos mercados financeiros. Agora, a religião começa a mudar no centro. Seus agentes na periferia vão ficar na mão.

**CC:** *Eles sabem disso?*

**RMU:** Alguns estão começando a ficar com medo. Já outros estão radicalizando no dogma de que o salvamento da economia brasileira passa por sua destruição. Outro dia, o presidente do Banco Central (Gustavo Franco) manifestou sua alegria pela oportunidade que a crise dá a investidores estrangeiros de comprar empresas brasileiras a preço de banana. O Brasil é hoje o único país grande, rico ou pobre, no qual essa frase poderia ter sido pronunciada impunemente. É um sinal de descalabro e descontrole. Prenuncia a reviravolta que, quer por intermédio do governo, quer contra ele, está chegando.

**CC:** *O temor da volta da inflação não ajuda a segurar a política atual?*

**RMU:** Risco de volta da inflação é a teimosia de uma política que ameaça deixar o ressurgimento de populismo econômico como única saída. Quem

persiste numa política de terra arrasada conspira contra a estabilidade da moeda.

**CC:** *E precisa do que para sair dessa?*

**RMU:** Precisa de idéia e de luta, luz e calor. Mas, paradoxalmente, parte da luta consiste em enfrentar a mistura de interesses mesquinhos e pequenas superstições que barram o caminho de uma união pelo soerguimento do País.

**CC:** *Onde está o cerne do problema?*

Um lobby em busca de proteções contra a concorrência estrangeira e de dinheiro barato no BNDES. O produtivismo só será aceito e só funcionará se representar salvamento para muitos, não escapatória para poucos.

**CC:** *E então o que deve ser feito, e como?*

**RMU:** Uma alternativa nacional e produtivista há de pautar-se por cinco diretrizes. Primeiro, financiar o Estado pela tributação do consumo, desonerando a produção e o salário. Segundo, mobilizar os recursos nacionais, organizando a poupança interna compulsória e reorganizando a relação entre as finanças e a produção para dar oportunidade à massa de empreendimentos emergentes, esfomeada de acesso aos recursos da produção. Terceiro, caminhar em direção ao câmbio flutuante para poder usar a política da moeda e dos juros em prol do crescimento e do emprego. Será então possível nacionalizar o Banco Central. Quarto, organizar um produtivismo voltado à quebra de privilégios. Trata-se de democratizar o mercado, não simplesmente de regulá-lo, nem apenas de suavizar as conseqüências destruidoras do financismo. Quinto, assegurar o poder aquisitivo que sustente o ímpeto produtivista. Os instrumentos que minimizam o risco inflacionário são a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas e obras públicas que melhorem a base física da vida dos trabalhadores.

**CC:** *Esse não é um programa radical.*

**RMU:** Claro que não, é apenas o bom senso organizado.

**CC:** *E há algum sinal de que o governo poderia avançar por aí?*

**RMU:** A tendência que há é a de se apelar para um arremedo de alternativa, o pequeno produtivismo, como seguro contra o malogro da política pseudo-or-



O militante. Mangabeira, depois de um ano e meio de intenso mergulho no Brasil, vai a Yale e volta. Pensando num novo partido

**RMU:** Está na necessidade de ultrapassar uma escola inaceitável entre duas maneiras de condenar o Brasil à pobreza e à mediocridade. De um lado, está o financismo: ajustar as contas em cima dos fracos e esperar pelo melhor. De outro, está uma rebelião produtivista que aparece aos olhos do País como a campanha autoprotetora de um lobby.

## O presidente do Banco Central manifestou alegria pela venda de empresas brasileiras a preço de banana. Isso é um descalabro

todoxa. Jogar um osso para os empresários, persistir na política do bom comportamento e esperar melhores dias. Se não der certo, transforma o arremedo de alternativa em alternativa verdadeira.

**CC:** *Diante disso, quais são as perspectivas?*

**RMU:** A encenação de uma saída dificulta encontrar a saída de fato. Desagrega as forças para uma aliança que poderia sustentar um produtivismo nacional abrangente. Desmoraliza idéias e pessoas. E deixa o Brasil sangrar.

**CC:** *O presidente Fernando Henrique diz que juro são determinados por mercados e não por governos.*

**RMU:** Juro não é fenômeno meteorológico. É o resultado do arcabouço institucional e das políticas públicas. País que não mobiliza seus recursos nem organiza seu crescimento tem de freqüentar o agiota.

**CC:** *E o governo atual é parte do problema ou pode ser parte da solução?*

**RMU:** Hoje, é parte do problema. Mas pode vir a ser parte da solução. Basta que o presidente resista àquilo que lhe é tão fácil: dar um pouco a cada uma de duas soluções contraditórias em vez de comprometer-se com uma única solução consistente.

**CC:** *E quais seriam estas soluções contraditórias?*

**RMU:** O caminho do desastre é abraçar a religião dos financistas – gastar menos – enquanto, como "hedge" econômico e político, se abre um balcão de dinheiro barato do BNDES para um grupinho de apaniguados. O colapso das reservas, a desvalorização cambial descontrolada e a estagnação econômica duradoura serão o castigo. O caminho do salvamento é combinar o realismo fiscal com a organização de um produtivismo subordinado a regras impessoais e critérios de desempenho, e descentralizador de oportunidades.

**CC:** *Que realismo fiscal é esse?*

**RMU:** Realismo fiscal, hoje no Brasil, significa sustentar receita alta, colocando sonogador na cadeia e aceitando, numa primeira etapa, o único instrumento que gera muito dinheiro para o governo sem desorganizar a produção: a tributação indireta do consumo. É injusto, mas financia um

## O sistema de controle pela mídia se resume em duas palavras: Globo e Abril

Estado que terá recursos para fazer justiça, investindo em gente e em desenvolvimento.

**CC:** *Qual a base política para isso?*

**RMU:** Em tese, é simples: uma aliança de centro-esquerda para substituir a aliança de centro-direita que está botando o Brasil a perder. Na prática, o instrumento partidário ainda falta. O

PSDB se desmoralizou no poder, como o PMDB se desmoralizara antes dele. O PT continua sob a suspeita justificada de ser uma junção de assistencialismos e corporativismos, que não consegue ficar de pé e começa a espedaçar-se quando tenta andar. Teremos de construir a alternativa partidária. Isso significa um partido novo, inclusive para catalisar o reagrupamento dos partidos existentes.

**CC:** *A construção desse partido faz parte dos seus planos de engajamento quanto voltar ao Brasil?*

**RMU:** Ninguém no Brasil acredita ou acredita mais em partido político do que eu. De tanto acreditar, fiquei sem partido algum. Meu trabalho de proselitismo de idéias no Brasil chegou a seus limites. Descobri ter aliados em toda parte. Porém, não descobri ainda o partido, nem formei o grupo de que preciso para avançar no caminho com que me comprometi. Idéias têm asas. Mas não têm braços. Asas sem braços não bastam para lutas terrenas.

**CC:** *O que nos impede de avançar, por exemplo, por este caminho que o senhor propõe?*

**RMU:** Antes de mais nada, a maneira como as coisas funcionam no Brasil. Basta ver o exemplo das privatizações. O dinheiro, que era para pagar a dívida pública e libertar o Estado do jugo financeiro, sumiu. A transferência do público para o privado criou, à sombra do governo, um novo grupo de aventureiros e favorecidos: o sistema crepuscular dos empresários políticos, dos fundos de

pensão, dos protetores ocultos no governo e dos banqueiros traficantes de influência. É a reinvenção do patrimonialismo na roupagem do mercado. Como a mídia está na jogada, a maioria do País não sabe.

**CC:** *O senhor poderia nos descrever como é esse controle pela mídia?*

**RMU:** O problema maior, hoje, resume-se em duas palavras: Globo e Abril. Estas corporações ingressaram numa estratégia que não pode dar certo para elas, porque não pode ser tolerada pelo País: a concentração de influência, a trivialização da realidade e a expectativa de negócios dependentes da benevolência oficial. Elas dizem que os consumidores querem leveza. Eu digo que, para qualquer nível de vulgaridade, existem opções: mais próximas ou mais distantes da vida real do Brasil.

**CC:** *E qual seria o remédio?*

**RMU:** Novamente, só o bom senso. Primeiro, deixar de favorecer os oligopólios da comunicação. Segundo, impor a regra dos países civilizados, que tanto nos esmeramos em imitar, de proibir a concentração de propriedade em formas diferentes de mídia nos mesmos mercados. Terceiro, deixar de perseguir os corajosos. A estratégia atual desses oligopólios é tola: a democracia brasileira terá de arrebatá-los para sobreviver. Se acordarem para o jornalismo e para o dourar a pílula, terão futuro.

**CC:** *Mas como montar uma política contra a aliança de privilégios que parece comandar o País?*

**RMU:** O presidente e seus ministros se imaginam na situação de qualquer governante reformador dos impérios burocráticos e agrários da antiguidade: espremidos entre os magnatas, que querem ficar com toda a terra e os trabalhadores, e a arraia-miúda que, mobilizada, pode fugir ao controle e criar confusão.

**CC:** *E não estão espremidos?*

**RMU:** A diferença entre Fernando Henrique Cardoso e, digamos, o imperador bizantino Romanus Lecapenus é a democracia, que multiplica opções. A saída é combinar, através do aprofundamento da democracia, a política praticada como negociação

Juro não é fenômeno meteorológico. É o resultado de instituições e políticas.

entre as minorias organizadas com a política vivida como mobilização das maiorias desorganizadas.

**CC:** *Um produtivismo descentralizado é o fim dessa história?*

**RMU:** Não, é o começo. Depois vem a organização de instituições econômicas que, ao descentralizarem as oportunidades, radicalizam o experimentalismo produtivo e o desenvolvimento de instituições políticas e sociais que nos tornem mais senhores de nossas circunstâncias.

**CC:** *Não é esperar muito?*

**RMU:** Não resolveremos nossos problemas práticos se não ingressarmos num período duradouro de afirmação nacional. Para isso, temos de ir além dos dois partidos latentes de opinião que sempre organizaram a política no Brasil.

**CC:** *Que partidos?*

**RMU:** Há o partido da onda: vamos entrar na onda no mundo, ocupando lugar subalterno na correlação de forças e idéias sustentada pelas potências dominantes da época. E há o partido da mensagem: vamos civilizar-nos, copiando as instituições dos civilizados.

**CC:** *O senhor pertence ao partido da mensagem?*

**RMU:** Não. O partido da mensagem propôs como mensagem a cópia. E substituiu a luta mobilizadora pelas luvas brancas da respeitabilidade. O trabalho pré-64 começou a superar esta escolha à medida que ultrapassava o legado getulista. Mas foi destruído antes que pudesse completar sua trajetória.

**CC:** *Como reagiram as pessoas às suas idéias nesse seu período mais recente de engajamento na discussão brasileira?*

**RMU:** Com ambivalência. Sem ter certeza se minhas propostas são apenas voluntárias ou se são práticas. Quando as pessoas estão rendidas e confusas, o critério do realismo é a proximidade ao que existe.

**CC:** *Mas não há um fundo legítimo nessa preocupação das pessoas?*

**RMU:** Há. Toda ação séria no mundo testa os limites do possível. É o trabalho da imaginação como é o trabalho da política transformadora. Não conheço o Brasil tanto quanto devo e quero. Mas já o conheço o bastante para saber que o retrato do Brasil

pintado por meus contemporâneos supostamente realistas é falso.

**CC:** *E qual o ponto mais importante em que se trava hoje esse conflito sobre os limites do possível?*

**RMU:** É o conteúdo das instituições que possam desenvolver a democracia, o mercado e a sociedade civil livre. Quem é o verdadeiro liberal? São os ideólogos que querem desmontar o Estado e deixar o poder privado incólume? Ou sou eu que quero persistir no caminho da invenção de instituições que radicalizem o experimentalismo democrático e produtivo e ajudem a formar os indivíduos fortes que têm de ser seus agentes?

**CC:** *Que tem isso a ver com a discussão sobre a chamada "terceira via", que está ocorrendo na Europa e nos EUA?*

**RMU:** A pequena "terceira via" discutida hoje nas democracias ricas do Atlântico Norte limita-se à tentativa de reconciliar a proteção social praticada pelos europeus com a flexibilidade econômica conquistada pelos americanos, sem mexer nas instituições. É a humanização do inevitável. Aceita a idéia ilusória de que a política precisa tornar-se pequena para que os indivíduos possam tornar-se grandes.

**CC:** *E o Brasil?*

**RMU:** Para o Brasil, a pequena "terceira via" seria continuar o discurso mentiroso e impotente que serve de língua franca à política brasileira. No Brasil, todo mundo é social-democrata ou social-liberal. E, cadê o social no Brasil? Não há e não haverá sem um Estado atuante e enriquecido que possa ser parceiro da iniciativa privada e forçar a democratização do mercado. A luta para construir produtivismo nacional abrangente em resposta à crise pode ser o primeiro passo nessa direção.

**CC:** *E os brasileiros querem ou não?*

**RMU:** Estão divididos. Todo mundo tem duas caras: a cara da resignação e do aproveitamento quando a situa-

## Os brasileiros estão divididos. Têm a cara da resignação e a da resistência

ção está fechada, e a cara da resistência e da energia quando se vislumbra alternativa. Contamos com um aliado agora. Nosso aliado é a crise.

**CC:** *O senhor confia no Brasil como um país rebelde?*

**RMU:** O Brasil será um grande país não porque o povo brasileiro quer ser original – ele ainda não quer –, mas porque ele é original.

**CC:** *De que recursos espirituais o Brasil pode dispor nessa empreitada?*

**RMU:** Há uma massa de gente que luta para levantar-se nos pequenos negócios, na auto-ajuda, nas novas igrejas. Falta-lhe Estado. E há uma maioria, tanto de classe média quanto de classe operária, que se insurge contra o condomínio de interesses organizados e corporativismos egoístas que controlam o País. Falta-lhe projeto. Existe a energia subterrânea. Chegou a hora da proposta, credenciada pela clareza e pelo ardor.

**CC:** *O que seria preciso para que os brasileiros mudassem algo do seu jeito de ser?*

**RMU:** Há uma tentação: contentar-nos com a moral do sobrevivente e do esperado. E há uma salvação: rejeitar essa moral em favor de uma idéia de engrandecimento, individual e coletivo. Desesperança corrompe.

**CC:** *Como foi esse seu último período de um ano e meio de engajamento no Brasil?*

**RMU:** Querendo aprender como sacudir o Brasil, consegui sacudir a mim mesmo. Foi o começo que buscava.

**CC:** *E seus planos imediatos?*

**RMU:** Um semestre na Universidade de Yale, para pensar sobre minha experiência e lançar-me no debate mundial sobre a alternativa, que se intensifica em toda parte. Acabo de publicar dois livros nos Estados Unidos: *O Futuro do Progressivismo Americano* (em co-autoria com Cornel West) e *A Democracia Realizada: a Alternativa Progressista*. Depois desses seis meses, volto. Quando tinha 6 anos de idade, ouvi meu avô, Octavio Mangabeira, e meu tio-avô, João Mangabeira, discutirem a tristeza de Rui Barbosa. Era uma condenação do Brasil? Agora sei: o Brasil é inaceitável, porque é injusto, e é irresistível, porque tem vida. Quando for mais justo terá vida maior, e nenhum brasileiro que ame seu País terá de ser triste.

No Brasil,  
todo mundo  
é social-  
democrata ou  
social-liberal.  
Cadê o social?